

## **“OS POBRES CIDADINOS DO CAMPO”: UMA ANÁLISE DA MIGRAÇÃO CAMPO-CIDADE E A CONTINUAÇÃO DA POBREZA DE MORADORES DA CIDADE DE SANTO ESTEVÃO-BA**

**Leniara da Conceição Silva**

Mestranda em Geografia, Instituto de Geociência/UFBA

Email: leniara.silvaa@gmail.com

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo trabalhar o processo de prolongamento da pobreza sob a ótica da saída dos moradores do campo para a cidade, tendo como estudo de caso algumas áreas da pequena cidade de Santo Estevão na Bahia. Buscou-se compreender dinâmicas que está envolto ao crescimento da cidade e como as contradições presentes no campo influencia no êxodo rural, alicerçado ora no enfraquecimento da produção agrícola familiar, ora no crescimento do numero de minifúndios, o que se torna um dos principais motivos para a não premência/sobrevivência da população no campo. Ligado a esta lógica, a continuação da pobreza dos moradores campesinos que migraram para a cidade, fruto de uma não inserção no mercado de trabalho no novo modo de vida urbano, foi uma das principais características visíveis em áreas da cidade estudada. Assim, o estudo permitiu as análises de processos e dinâmicas que envolvem a área urbana de Santo Estevão e as transformações em seu campo.

**Palavras chave:** Santo Estevão, migração, pobreza, espaço urbano.

**GT-5:** Mobilidade, migração e espaço urbano.

### **1. INTRODUÇÃO**

Ao longo das últimas décadas, as cidades, independente da sua grandeza, passam por processos de aumento territorial, conseqüentemente, ocasionados pelo crescimento da população urbana e de outros interesses, de forma, muitas vezes, desordenada. Nas cidades pequenas, em específico, o processo no qual essa realidade faz existir dar-se, principalmente, pela saída do homem do campo para a cidade, face à construção de uma nova realidade social, fruto do capitalismo. Essa nova realidade social criou modelos, modo de vida e de sociabilidade, que favorecem a migração desses sujeitos, entrelaçados também às questões agrárias e agrícolas.

Assim, conforme Beaujeu-Garnier (1997 apud ENDLICH, 2006, p.25) “Não há como discordar que os valores e interesses urbanos traduziram-se em costumes disseminados por quase todo território, contrapondo uma cultura diferenciada”. Processo esse que pode ser compreendido de maneira mais ampla. Há uma nova condição de vida, a condição urbana. Essa condição pode gerar uma nova sociedade, a sociedade urbana. Lefebvre (2002)

Com base nessa lógica, sobre a produção e expansão das cidades, não se pode falar em crescimento das mesmas sem que se faça um retrospecto histórico sobre a produção do espaço urbano, afinal a cidade é o produto, condição e meio para a reprodução das relações sociais. Carlos (2007).

Visto isso, historicamente o campo precedeu a cidade, a qual de acordo com Ferreira & Soares (2009, p.10), até meados do século XVII o campo possuía maior destaque em população e riqueza que o meio urbano. Assim, “até esse período, a cidade sempre foi subordinada ao campo. Ela vivia do comércio e do excedente agrícola, possuindo em geral uma pequena parcela da população total de cada sociedade”. No entanto, essa lógica muda, principalmente com o advento da industrialização e consolidação do capitalismo na cidade.

No que tange ao raciocínio, o crescimento das cidades com o passar dos tempos, assim como o desenvolvimento do modo de vida tipicamente urbano, expande cada vez mais, processo esse que faz surgir e desaparecer espaços urbanos e, acima de tudo, rurais. A cultura de vida urbana, advinda principalmente do crescimento das cidades e da massificação constante do capital, faz criar novos espaços e transformam outros em velhos; possibilita o surgimento de uma nova cultura urbana e ao mesmo tempo reelabora e desterritoriza lugares, sujeitos e culturas.

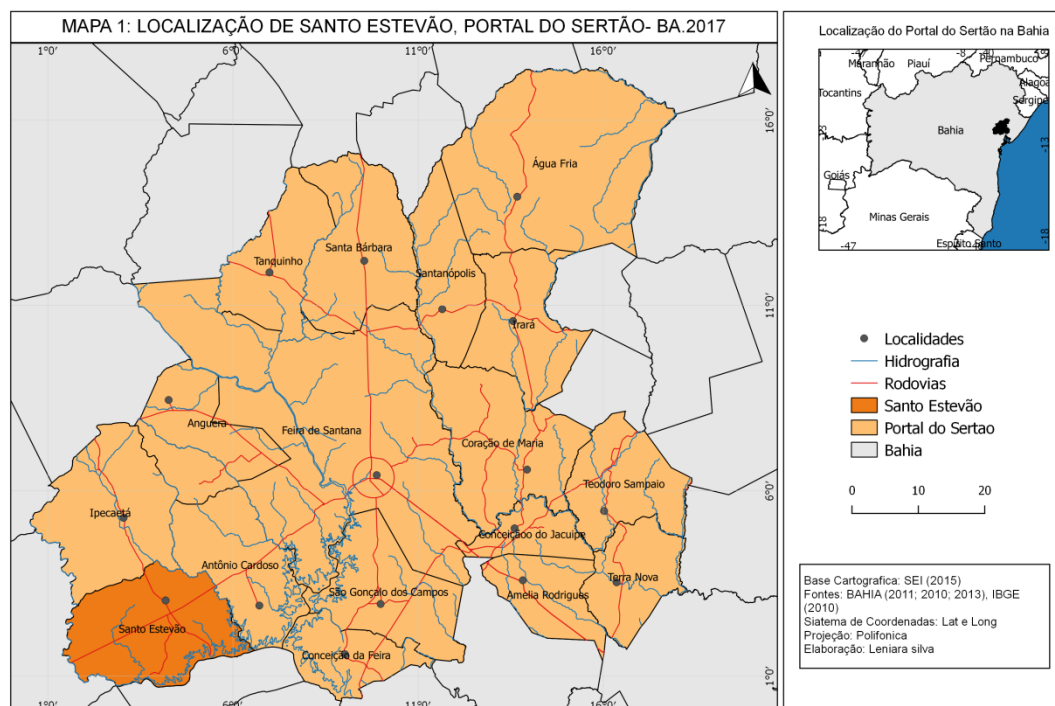
Visto isso, é relevante compreender como se configuram tais processos relacionados ao urbano e rural, materializados entre os espaços do campo e da cidade nos municípios pequenos, tendo como estudo de caso o município de Santo Estevão-BA. No que concernem às interfaces entre estes espaços, e a dependência dos moradores do campo em relação à cidade. Da mesma forma que as influências que a cultura urbana exerce no modo de viver e relacionar com o espaço rural e vice versa, ao longo do tempo tornou-se relevantes questões como êxodo rural, pobreza e novas dinâmicas nas cidades.

No que tange ao raciocínio, o estudo se baseia na análise do fenômeno da migração campo-cidade assim como o surgimento de um novo perfil de moradores na cidade de Santo Estevão, aqueles que saíram do campo em busca de uma melhor qualidade de vida, porem, uma

busca que não veio. Essa migração influencia em algumas mudanças no crescimento urbano observado ao longo dos anos na cidade, assim como também uma expansão periférica.

Assim, com essa inserção de moradia na cidade, percebeu-se a existência do processo de prolongamento da pobreza e a presença de condições de vida muitas vezes piores que a anterior, vivenciadas no campo. Uma característica da fuga da pobreza campesina, onde a terra ainda é um empecilho de permanência, uma vez que, a forte presença dos minifúndios, a diminuição da agricultura familiar, a não geração de renda advinda do trabalho agrícola, assim como também a expansão da pluriatividade tornaram-se alguns dos fatores que influenciaram essa população a migrar para a cidade, guiados muitas vezes pelas promessas de “vida melhor” e trabalho na cidade.

Santo Estevão é um município pequeno do interior da Bahia, localizada do portal do sertão, próxima 53 km da segunda maior cidade baiana, Feira de Santana (Ver Mapa 1). O município se estende em unidade territorial, segundo o IBGE (2010), de 362,961 km<sup>2</sup>, com população, em 2010, de 47.880 habitantes.



No município de Santo Estevão, surgiu uma economia relativamente forte, no contexto micro regional, que gera destaque entre outros municípios próximos. Uma transição significativa do setor agrário para o terciário, alicerçados principalmente pela instalação nos últimos anos de

pequenas empresas multinacionais e a progressiva diminuição da produção agrícola familiar. Relações essas que mudam consideravelmente os aspectos sociais e econômicos da população, além de fortalecer o comércio local sob a lógica industrial e dos serviços.

Foi com base nessas observações supracitadas que elegeu-se como objetivo principal analisar a relação campo-cidade sob a ótica da migração rural e o surgimento de um novo perfil de moradores residentes na cidade de Santo Estevão, os pobres cidadãos do campo que não se inseriram por completo em uma vida urbana de qualidade.

Os procedimentos metodológicos realizados se deram a partir de aplicação de questionários em alguns bairros da cidade estudada, entrevistas com moradores antigos, assim como também com o poder público municipal. Foram coletados dados no IBGE, IPEA, no acervo público municipal. Por fim, realizou-se a sistematização das informações, base para a organização do presente estudo.

## **2. RELAÇÃO CAMPO-CIDADE: BREVE ESFORÇO CONCEITUAL**

O debate teórico-metodológico está presente nas discussões sobre o urbano e rural, o campo e a cidade. Nas análises geográficas, a leitura desses espaços perpassa tanto pela visão da diferenciação, continuação, divisão social do trabalho ou até mesmo o desaparecimento de um em detrimento do outro. No entanto, a materialização e os processos que as condicionam envolvem a leitura do que se entende pelo rural e urbano, o campo e a cidade e suas relações.

No que tange essa lógica, de acordo com Mondardo (2009, p.5) “O rural e o urbano expressam o modo de vida e os valores, enquanto o campo e a cidade correspondem à materialização desses modos de vida”. E afirma que tanto os valores urbanos estão presentes no campo, quanto os valores rurais na cidade. No que tange a essa concepção, Carlos (2007, p. 34) também conceitua a cidade como “[...] a materialização das ações humanas, enquanto o urbano seria inerente ao processo de transformação de uma sociedade, lugar ou espaço em formas urbanas, que não se atém apenas à cidade, mas a forma de vida de um grupo social” e conclui que o urbano é a representação de um modelo de vida, a cidade a materialização deste modelo.

Visto isso, compreender as interfaces entre a relação do urbano e rural concebido e materializado pelo campo e cidade perpassa pela análise histórica dos processos e relações sociais que são inseparáveis para a concepção da leitura desses espaços.

A relação campo e cidade acompanharam os diferentes períodos históricos, as mudanças econômicas, o que torna essa relação ainda mais contraditória e inseparável, principalmente depois da consolidação do capitalismo e o crescimento das cidades, a qual recriou a ideia do urbano e rural, reestabelecendo papéis, culturas e modo de vida nesses espaços.

A então relação se intensifica com o passar do tempo, principalmente depois dos desdobramentos da revolução industrial, fruto do desenvolvimento do capitalismo, altera a forma de ver esses espaços o que acarretou profundas transformações espaciais, e aumentou ainda mais a diferenciação. A dicotomia se aprofunda, o meio urbano expande-se, cria-se uma valorização maior que o meio rural; parcela significativa da população migra do campo para a cidade, o que dá origem a imensas metrópoles, consolida-se a ideia dos espaços modernos e aqueles sinônimos do atraso, o urbano e o rural respectivamente. (FERREIRA & SOARES 2009).

Segundo Lefebvre (1969, p. 74), “a relação cidade-campo mudou profundamente no decorrer do tempo histórico, segundo as épocas e os modos de produção: ora foi profundamente conflitante, ora mais pacífica e perto de uma associação.” e complementa afirmando que seja o que for, a cidade em expansão ataca o campo, corrói-o, dissolve-o. Ou seja, no momento que a vida urbana penetra na vida camponesa influencia com o tempo as práticas e elementos tradicionais presentes nesse espaço. No entanto, há quem discorda dessa ideia, uma vez que acredita-se que os sujeitos do campo continuam a recriar narrativas e experiências de permanência e cultivo das suas tradições mesmo com a ampliação do capitalismo praticamente em todo espaço.

Outro aspecto relevante é a inserção das novas dinâmicas no campo, face à modernização da agricultura. Processos esses que foram fruto da expansão do capitalismo no campo com modelos, por exemplo, do agronegócio, e isso faz recriar esses espaços, tornando a relação campo-cidade ainda mais intensa. Relação essa que reafirma e intensifica ainda mais as desigualdades presentes nas áreas rurais, uma vez que o pequeno produtor camponês não possui meios de acompanhar a lógica de produção acelerada, ficando submetido as leis do mercado. Sistema esse que cada vez mais impõe a produção de monoculturas em todas as escalas. Assim, o pequeno agricultor tende a utilizar cada vez mais estratégias, tais como o uso de agrotóxicos, produção das monoculturas, entre outras, com o intuito de se inserir nos moldes do mercado. Essa nova dinâmica imposta por um capitalismo agrário ocasiona muitas vezes na desterritorialização de sujeitos e o crescimento da pobreza no meio rural, alicerçados também



pela concentração fundiária e monopolização das técnicas por um seletivo grupo inserido no campo. Assim,

Devido as novas demandas deste período (técnico-científico-informacional), o espaço agrário sofreu modificações, que refuncionalizaram o sistema de produção. As novas técnicas no campo representaram a valorização e conseqüentemente, a concentração das terras, a subordinação da agropecuária/agricultura ao capital industrial, intensificando assim o êxodo rural. (TEODÍSIO; SILVA, 2005, p. 2)

O processo de modernização da agricultura, em específico no Brasil, onde a concentração de terras foi determinada por um processo histórico desde o período colonial, tem nos espaços rurais as marcas das desigualdades, face principalmente pela a massificação do capital advindo da expansão do agronegócio e a cultura da agroexportação. Em contrapartida, tem-se o “estrangulamento” das pequenas unidades produtivas acompanhado pela miséria no campo, e conseqüentemente leva a sua saída pela falta de alternativas de permanência. No entanto, por outro lado, em contramão a essa lógica, uma parcela dos sujeitos do campo em meio a essas dinâmicas, recria novas narrativas de resistência no meio rural, fazendo com que o campo permaneça vivo, face a uma produção familiar e/ou camponesa, mesmo diante das incertezas.

Assim, os sujeitos presentes nesse espaço reconstróem novas formas de lidar com essas mudanças, cria-se estratégias de resistência e permanência no meio rural. Como afirma Suzuki (2007, p.7) que “[...] no campo e na cidade, vão se construindo territórios do capital, mas sem destruir todas as formas pré-existentes que, ao seu metamorfosearem, encontram maneiras de resistirem e persistirem, enquanto outras são criadas”.

É notório que o campo e a cidade passaram por intensas transformações, redefinindo seus conteúdos e as suas formas. É, então, nestes termos de transformações socioespaciais que as leituras produzidas acerca do que se define como campo e cidade no Brasil precisam ser (re)avaliados, para verificar a sua potencialidade em dar conta dos novos contornos em que se delineiam estes espaços. (SUZUKI, 2007).

### **3. TRANSIÇÃO ECONÔMICA DE SANTO ESTEVÃO E A DIMINUIÇÃO PROGRESSIVA NA PRODUÇÃO AGRÍCOLA FAMILIAR**

Santo Estevão é um município localizado estrategicamente próximo a uma rodovia Federal de grande influência, a BR 116, que possui relevância no que diz respeito a organização viária da cidade, a qual favorece a entrada e saída de trocas comerciais, de serviços e fluxos de pessoas diariamente. Ademais, a sede se encontra próxima a segunda maior cidade baiana, que é Feira de Santana, também faz parte de uma rede urbana com integração viária que exerce o papel de sub-centro comercial e de serviços que polariza cidades ao seu entorno, a exemplo de Antônio Cardoso, Ipecaeté e Rafael Jambeiro.

Santo Estevão é um município pequeno, mas que possui particularidades que mereceram ser minuciosamente observadas e sistematicamente estudadas. Dessa forma, a formação da sua cidade possui em sua história, estreitas relações com o papel que o campo desempenhava em contextos econômicos, políticos e cultural em sua urbe. Com o passar das décadas, esse protagonismo todo perde consideravelmente, dando lugar a um cenário urbano entrelaçados as lógicas do capitalismo.

A transição econômica do município acontece depois do ano de 2000. Assim, antes a população ocupada se encontrava, em sua grande maioria, em atividades agrícolas, assim como também na pecuária, o cenário mudou com a chegada do século XXI. O setor terciário cresceu no município e ultrapassou os quadros de empregos do setor primário, resultado de mudanças e do crescimento urbano, entrelaçados às ações dos diferentes agentes produtores do espaço urbano.

Tabela 1 – Santo Estevão: Produto Interno Bruto (PIB), por setores (%), 1949-2012

Setores	1949	1959	1970	1980	1999	2009	2012
Agricultura	76,42	45,15	39,12	34,15	5,78	5,62	3,23
Serviços <sup>2</sup>	22,78	49,67	45,02	36,73	82,77	72,17	68,70
Indústria	0,81	5,18	15,86	29,12	11,45	22,21	28,07

Fontes: IPEA (2012); SEI (2011).

. Nota: 1 - A partir de 2000, adotou-se uma nova metodologia para o cálculo do PIB.

2 - O comércio está incluso.

Elaboração: Leniara Silva

Observa-se que, até a década de 1980, o setor primário ainda era a atividades econômica mais significativa do município, como mencionado anteriormente, cujo protagonismo agrícola ficava, segundo o IBGE (1958), por parte da produção de fumo, mandioca, milho e feijão, além da atividade pecuária. No entanto, nota-se perda significativa desse setor entre a década de 1999-

2012 no município. Pode-se fazer relação com essa perda, não necessariamente nessa ordem, a saída de pessoas do campo para cidade, o que, conseqüentemente, também decorre em maior expansão urbana, acompanhada pela implantação da fábrica de calçados na cidade em 2001, a DASS, ocupando mais de 2.500 postos de trabalhos e aumentando à circulação de dinheiro e a economia local (OLIVEIRA, 2012).

No que se refere à questão demográfica, a população da cidade vem crescendo ao longo das décadas em dados absolutos. Ao observarmos na Tabela 2, os números dos dados absolutos (incremento), os mesmos apresentam um crescimento contínuo referente à população da sede do município depois da década de 1980 e em seguida uma leve estagnação após a década de 1991. Já o crescimento decenal apresenta oscilações de aumento populacional em algumas décadas, a exemplo de 1950 e 1960, que apresentara as maiores taxas de crescimento em relação as demais décadas analisadas. Assim, na confrontação dos dados dos Censos de 1991 e 2000, verificou-se nos últimos 10 anos um crescimento de 7.020 habitantes na sede, passando de 12.654 em 1991, para 19.674 habitantes, em 2000, correspondendo a um aumento de 55%. (SANTO ESTEVÃO, 2003, p.27).

Tabela 2– Santo Estevão: Taxa de crescimento geométrico anual, Taxa de crescimento decenal e Incremento da população da cidade<sup>1</sup>, por décadas, 1940-2010.

Períodos	Dados Percentuais		Dados Absolutos
	Crescimento geométrico anual (%)	Crescimento decenal (%)	Incremento
1940-1950	24,86	821,15	1.281
1950-1960	7,85	112,87	1.622
1960 <sup>1</sup> -1970	4,00	48,09	1.471
1970-1980	5,04	63,44	2.874
1980-1991	5,51	70,91	5.250
1991-2000	4,52	55,63	7.039
2000-2010	3,47	40,61	7.997

Fonte: IBGE (1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010).

Notas: 1 - Apenas os dados da população que vive na sede do município - a cidade.

Elaboração: Leniara Silva

Já nos dados do crescimento da população rural (Tabela 3), o que mais chama atenção são as oscilações de acréscimos e decréscimos nas taxas com o passar das décadas. Os primeiros



dados encontrados no período de 1940-1950 do crescimento decenal registram a maior taxa de concentração da população rural, reafirmando o caráter agrário que o município de Santo Estevão carrega em seus diferentes aspectos socioeconômico, desde os primórdios dos processos de estruturação da cidade. Observa-se também que há um decréscimo significativo e semelhante entre as décadas de 1960 e 1991, a primeira devido ao desmembramento de povoados para constituir outro município vizinho, como o município de Ipecaetá, e a última decorrente do intenso êxodo rural, dentre outros fatores, que o município apresentou com o passar dos anos.

Todavia, ainda na Tabela 3, na década 2000, pode-se observar uma perda ainda maior nos números da população rural, comparada às décadas anteriores, que correspondem a -5,8% e -1.262 do crescimento decenal e do incremento respectivamente. Assim, depois da década de 1991 foram mais de 4.000 pessoas que saíram do campo, conseqüentemente, fez surgir o processo de êxodo rural, muitos com destino a sede da cidade e outras para lugares ou estados mais distantes, a exemplo de São Paulo.

Tabela 3– Santo Estevão: Taxa de crescimento geométrico anual, Taxa de crescimento decenal e Incremento da população rural, por décadas, 1940-2010.

Períodos	Dados Percentuais		Dados Absolutos
	Crescimento geométrico anual	Crescimento decenal	Incremento
1940-1950	1,83	19,83	4.978
1950-1960	-2,48	-22,25	-6.693
1960-1970	-1,18	-11,16	-2.611
1970-1980	1,23	2,96	2.694
1980-1991	0,37	3,74	877
1991-2000	-1,26	-11,91	-2.901
2000-2010	-0,60	-5,88	-1.262

Fonte: IBGE (1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010).

Elaboração: Leniara Silva

Dessa forma, muitos foram os fatores que permearam a saída de uma parcela dos moradores do campo da cidade estudada. Fatores esses que estão ligados à economia do município, transição do setor primário para o terciário, reflexo de uma perda progressiva da produção agrícola familiar, processo esse influenciado também pela questão agrária e a forte presença de minifúndios no espaço rural. Assim, sem terra, técnicas e trabalho, configura-se

como um dos fatores que impossibilita a não permanência/sobrevivência dos sujeitos no campo, ocasionando o êxodo rural e muitas vezes a continuação da pobreza nos novos lugares de fixação.

#### **4. ÊXODO RURAL E A CONTINUAÇÃO DA POBREZA: ANÁLISE SOBRE OS MORADORES DE ALGUMAS ÁREAS DA CIDADE DE SANTO ESTEVÃO**

Para entender o processo de saída de uma parcela da população do espaço rural de Santo Estevão, teve-se como propósito o contato com os moradores de alguns bairros para analisar quem são esses sujeitos que, de certa forma, também produz a cidade. Sujeitos esses que, em alguns dos bairros estudados, possuem origem do campo e que foram levados a criar um novo estilo de vida ao se instalar na cidade, inseridos na lógica urbana. Visto isso, todas as questões que envolvem as dinâmicas nos diferentes modos de viver, assim como as dificuldades que enfrentam em resistir no solo urbano, seja o fator moradia, o desemprego na família e até mesmo as más condições de infraestruturas no bairro acabam por influenciar na permanência em viver na cidade, mesmo diante as fragilidades em sobreviver no novo espaço de morada.

No que tange aos bairros estudados, as pesquisas se deram nas áreas do Caminho do Oeste à oeste da cidade e no Cruzeiro do Monte a norte. Foram priorizadas essas áreas pela distância de localização entre os mesmos, todos encontrados na periferia da cidade, periferia lida aqui como as áreas distantes do Centro, algumas encontradas nos limites urbanos de Santo Estevão.

O primeiro bairro analisado foi o Cruzeiro do Monte, área que, de acordo com o PDDU de Santo Estevão (2003), por ser considerada como próxima do riacho do Salgado, símbolo histórico que possui um papel importante no que diz respeito a origem do surgimento da cidade de Santo Estevão. A área conhecida como Cruzeiro do Monte no início se configurava como um espaço de ocupações irregulares, encontrada próximo as encostas, com um relevo acidentado em sua volta. Foi nesse cenário que as casas foram surgindo com o tempo, negando o fator geomorfológico da área.

Os moradores do bairro Cruzeiro do Monte e do Caminho do Oeste, em sua maioria, são naturais de Santo Estevão, como pode ser observado nos Gráficos 1 e 2. 75% sempre moraram no município, enquanto 25% têm origem de outras cidades.

Em relação ao bairro Caminho do Oeste, quando questionado os motivos que levaram os moradores a escolher o bairro, algumas razões foram: o fator familiar, membros da família influenciam outros a comprarem terreno no mesmo local, propaga-se a migração familiar, o que auxilia no crescimento do bairro. Outro fator de escolha foi o terreno barato. Visto isso, alguns afirmaram que o principal motivo para a escolha do bairro foi a terra com valor mais acessível, ou seja, a questão fundiária prevaleceu.

Gráfico 1- Moradores do Bairro Caminho do Oeste, Natural de Santo Estevão, 2018

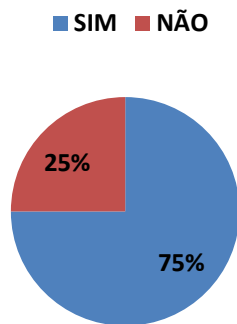
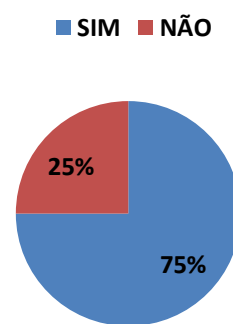


Gráfico 2- Moradores do Bairro Cruzeiro do Monte, Natural de Santo Estevão, 2018



Fonte: Pesquisa de Campo (2018)  
Elaboração: Leniara Silva

Além do motivo da saída do campo, afirmaram não terem motivos relevantes na escolha da área, apenas tinha como objetivo principal encontrar um lugar na cidade onde pudesse “fugir” das dificuldades encontradas no campo, ligado às questões da escassez de água em determinados períodos, o que dificulta na plantação, assim como também a busca do trabalho na cidade uma vez que o que produzia era só para subsistência da família.

No que tange à origem dos moradores do Cruzeiro do Monte, uma característica em comum novamente com o Caminho do Oeste é a origem dos moradores. Os moradores do Cruzeiro do Monte possuem fortes relações com o campo do município de Santo Estevão, como pode ser visto no Gráfico 3. 42% dos moradores, antes de morar no bairro eram residentes do campo, cenário esse observado em áreas mais populares e principalmente recentes. Ficou nítido que alguns residentes anteriores a esse período possuíam modo de vida rural e que também estava ligado com a pequena produção agrícola familiar.

Já sobre a origem dos moradores do bairro Caminho do Oeste, a maior parcela dos questionados vieram também do campo, 53%, como pode ser observado no Gráfico 4, enquanto 26%, antes de fixar no bairro, moravam em outras áreas da cidade, que alguns também tinham históricos de vida rural. Como já analisado nas discussões anteriores, as áreas populares de muitas cidades pequenas possui essa característica, em relação os perfis dos residentes e históricos de lugares de origem.

Gráfico 3- Moradores do bairro Cruzeiro do Monte; Lugares de origem antes de fixar na área - Santo Estevão, 2018

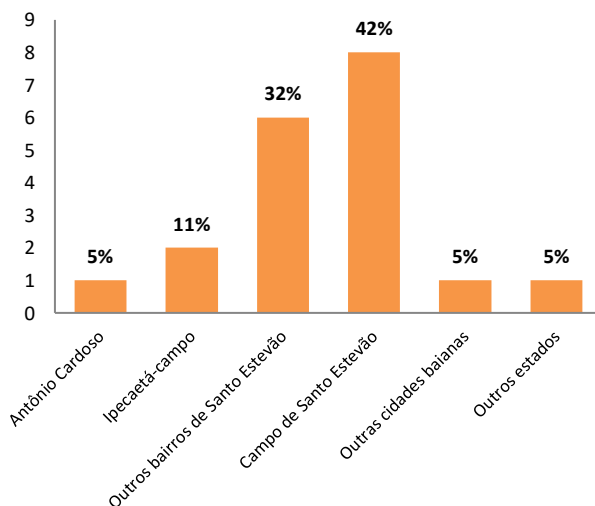
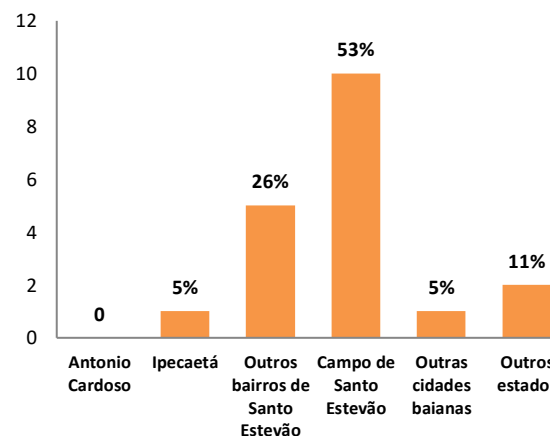


Gráfico 4- Moradores do bairro Caminho do Oeste; lugares de origem antes de fixar na área - Santo Estevão, 2018.



Fonte: Pesquisa de Campo (2018)  
 Elaboração: Leniara Silva

Assim, muito antes de fixar nessas áreas da cidade, que por sinal possuem sempre os terrenos mais baratos, os moradores têm origem do campo ou de outras lugares de Santo Estevão. Características que representam o processo de exodo rural, e que influencia no crescimento das cidades. Realidade presente não somente nos grandes centros urbanos, mas também nos pequenos municípios, em uma dimensão menor. Visto isso, torna-se fundamental quando analisa-se a relação que tem entre o crescimento dos áreas periféricas desses municípios pequenos, com saída dos moradores do campo, configura-se como um fator que influencia na expansão de suas áreas.

Ao perguntar o que fizeram sair do campo e instalar-se na cidade, as respostas eram sempre vinculadas às oportunidades de trabalho que o campo não oferecia, a seca que

prejudicava a lavoura em período de estiagem, a violência também presente no campo. Ou seja, uma fuga da pobreza a qual vinculam-se a cidade como espaço das "oportunidades" e o campo como o "atraso", que não visualizam perspectiva alguma de sobrevivência ligado a renda oriundo da pequena agricultura de base familiar.

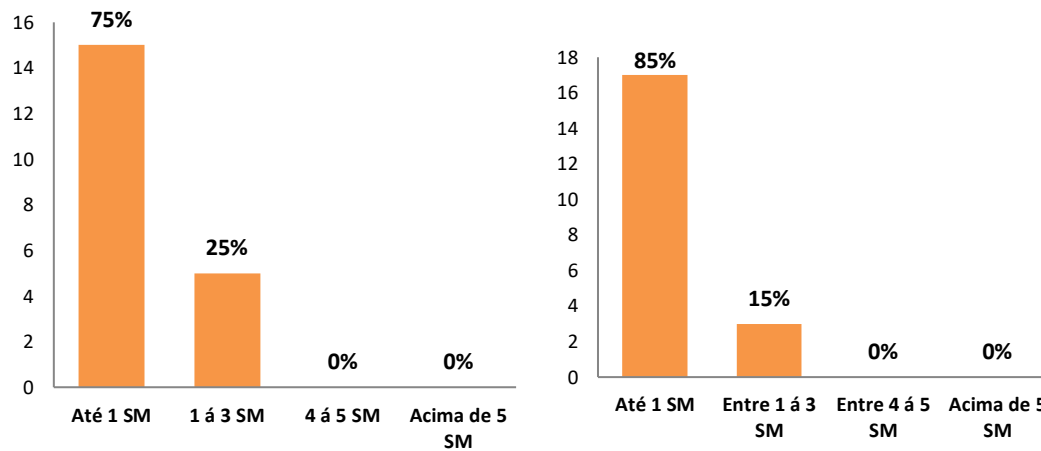
No entanto, essa fuga do "atraso do campo" por um lado fez surgir um novo perfil de moradores na cidade, aqueles que enfrentam dificuldades para sobreviver e resistir nesse espaço urbano. Processo esse que por um lado fez alimentar o novo modo de vida urbana deficiente, por outro deixa evidente as causas profundas da então migração, aquela ligada as questões agrárias e agrícolas, estrutura fundiária e falta de técnicas que impossibilitavam o aumento da produção oriundo da agricultura familiar, que, por esses e outros fatores, acarretou em uma perda significativa deste tipo de produção, com o tempo, no município estudado.

Em relação ao nível de renda dos moradores do bairro Caminho do Oeste, não difere muito dos padrões já analisados, dos novos moradores das areas periféricas da cidade estudada. A maioria das famílias (75%), vivem com um salário mínimo, de acordo com o Gráfico 5, renda essa que, em alguns casos, era o único meio de sobrevivencia da familia. Enquanto 25% recebiam entre 1 a 3 salários minimos, número baixo considerado ao padrão de renda do restante da área. Essa realidade é mais um cenário daqueles que vivem nas periféricas, o novo perfil de habitantes que sobrevivem nessa cidade mesmo diante das dificuldades financeiras, da presença das marginalidades, e dos problemas estruturais que enfrentam no bairro. População essa que saíram do campo fugindo das más condições de vida e falta de emprego/renda e se instalaram em um novo cenário urbano, aquele que não lhes asseguraram as expectativas de melhor qualidade de vida na cidade.

Gráfico 5- Moradores do Bairro  
Caminho do Oeste, Nível de renda-  
Santo Estevão, 2018

Gráfico 6- Moradores do Bairro  
Cruzeiro do Monte, Nível de renda-  
Santo Estevão, 2018





Fonte: Pesquisa de Campo (2018)  
 Elaboração: Leniara Silva

No que tange à renda dos moradores do Cruzeiro do Monte, pode-se perceber que os perfis dos moradores são parecidos. Como mostra o Gráfico 6 anterior, 85% vivem com até 1 salário mínimo, muitas das vezes única renda para a sobrevivência de toda família. Na área do Cruzeiro do Monte, encontraram-se funções como trabalhador da fábrica de calçados da cidade, doméstica, aposentada rural, autônoma, beneficiária de programas assistencialista do governo, feirante, além de possuir aquela parcela de moradores que se encontravam desempregados no momento e eram dependentes de algum membro familiar que possuía algum tipo de renda. Como mencionado anteriormente, é recorrente uma parcela das famílias do bairro apenas uma pessoa se encontrar inserido em trabalho fixo, o restante acabava encaixando em empregos informais ou vendas com improvisação na própria casa.

O bairro Caminho do Oeste, no início do surgimento das primeiras casas, era lido como área rural proxima a cidade, por não existir estruturas que socialmente é indenticada como area urbana, como luz, calçamento, esgoto etc. Outro aspecto interessante é o vínculo que os moradores também possuem com o campo, uma parcela desses sujeitos já morou no campo do municipio. Fixou-se no bairro com objetivo de fugir das “dificuldades” presentes no meio rural, o qual enxergava na cidade o espaço do refugio, em busca de oportuidades e melhoria na sua qualidade de vida. Expectativas essas muitas vezes não alcançadas, quando se insere na lógica urbana e no novo modo de viver na cidade, surge assim um novo perfil de morador, aqueles que se encontram em situação da pobreza, sobrevivendo com rendas insuficiente para atender as necessidades da família, “os citadinos do campo”.

Analisar os processos integrados no município de Santo Estevão permitiu perceber como as mudanças no campo, a diminuição da própria produção agrícola familiar está ligada com uma migração excludente, a não inserção de uma qualidade de vida que muitos projetaram no momento de saída do campo. Além disso, é necessário compreender alguns aspectos que foram fundamentais para algumas mudanças no campo de Santo Estevão que estão ligados com a cidade, a exemplo a vinda da fábrica de calçados no ano de 2000, sendo um forte fator que auxiliou na migração, principalmente dos jovens a fim de ocupar os postos de trabalho na indústria e comércio. Fora aquela migração pendular que muitos ainda fazem para trabalhar na cidade, mesmo morando no campo.

O debate referente às políticas públicas de fortalecimento da agricultura familiar é mais que necessário, uma vez que é na fragilidade que esses pequenos produtores enfrentam, tanto na dependência das chuvas para sua pequena lavoura, quanto na falta de técnicas para aumentar a produção que acaba por influenciar na sua saída para a cidade. Por outro lado, ambos os espaços sofrem alterações, a cidade que não tem estruturas econômicas nem físicas para assegurar o direito a qualidade de vida destes sujeitos, no que tange também as políticas públicas, e o campo que perde em número de população e produção agrícola familiar. Problemas que se intensificam, as vezes pela negligência do poder público em assegurar os direitos dos sujeitos, tanto do campo quanto da cidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como apresentado, a cidade de Santo Estevão, possui particularidades e processos que culminaram na formação da sua periferia, acompanhado a expansão de alguns bairros. O crescimento em população da sede sob influências do processo de urbanização fez existir bairros populares com características próprias. Moradores que produzem essa cidade e que tem em seu lugar o fator identitário, seja mais vinculado às características urbanas ou até mesmo aquelas que têm um vínculo com o campo, levado com o tempo a cortar os laços e culturas campesinas, criando um novo modelo de vida, o urbano.

O perfil das pessoas que são residentes dos bairros analisados é de característica mista. Existe aquela pequena parcela de moradores que tem rendas superiores a 2 salários mínimos, com um perfil de renda e padrão de vida diferente do restante da população encontrada em

algumas áreas. E aqueles considerados com rendas mais inferiores de até 1 salário mínimo e/ou que não possuem trabalhos fixos, e quando possui, é o único meio de manutenção da família. São essas pessoas que se reinventam a cada dia para atender as suas necessidades básicas, mesmo diante as intemperes e incertezas de morar na cidade sem uma boa qualidade de vida.

Assim, a saída do campo nem sempre é sinônimo de inserção em um modelo de qualidade de vida urbana. Muitas vezes essa “fuga” vem alimentar um novo perfil de moradores das cidades, os “cidadinos do campo”, que estão em constante contato com as vulnerabilidades, falta de estruturas no novo lugar de morada, assim como nas instabilidades financeiras. Por esses e outros motivos que às políticas públicas de permanência/sobrevivência no campo aliado a produção agrícola familiar na geração de renda e desenvolvimento rural é de suma importância. Assim como também assegurar a qualidade de vida da população que mora nas periferias das cidades, lugar onde se configura como o espaço do “refúgio” de uma grande parcela de moradores do campo que criam as expectativas de trabalho, renda e vida melhor.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, F. A. V. SOARES, B. R. Relação cidade-campo: desafios e perspectivas. *Campo-território: revista de geografia agrária*, v.4, n. 7, p. 201-229, fev. 2009

CARLOS, A.A.F. *O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade*. São Paulo: Labur Edições, 2007, 123p.

FERREIRA, J.D, SANTO, L.R, SANTOS, S.M. A feira livre como alternativa de geração de renda para agricultura familiar no município de Santo Estevão- BA. VI Congresso Iberoamericano de Estudos Territoriales y Ambientales. Universidade de São Paulo. *Anais*.2014.

FONSECA. Ivan Claret Marques. *Introdução à História de Santo Estevão do Jacuípe*. Gráfica Brasil, Minas Gerais, 1983.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico*, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/censo2010/>>. Acesso: 20 out. 2017

\_\_\_\_\_. *População rural e urbana*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso: 20 out. 2017

\_\_\_\_\_. *Produto Interno Bruto*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso: 20 out. 2017

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Banco de dados Ipeadata*. Produto Interno Bruto: 1920 a 1996. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br>. Acesso: 05 mai. 2017



LEFEVRE, H. O direito a cidade. 3. Ed. Centauro, São Paulo 2001

MONDARDO, M. L. A Relação Campo-Cidade no município de Francisco Beltrão - Paraná – Brasil. *Agrária*, São Paulo, Nº 5, pp. 65 - 86, 2006.

OLIVEIRA, I. R. *Indústria de calçados e implicações socioespaciais: a grande fábrica de calçados no município de Santo Estevão - BA*. (Dissertação de Mestrado em Geografia)- Instituto de geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SANTO ESTEVÃO. *Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano*. Damico Consultorias e Negócios-DCN, 2003.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA (SEI). *SIDE*: Sistema de Dados Estatísticos. Produto Interno Bruto: 1999 a 2009. Disponível em: <http://www.sei.ba.gov.br>, acesso em junho de 2017.

SUZUKI, C. J. Campo e cidade no Brasil: transformações socioespaciais e dificuldades de conceituação. *Revista Nera* – Ano 10, N. 10 – Janeiro/Junho De 2007